PEDRO FERNANDES TOMÁS

CANTARES DO : POVO

F. França Amado — Editor.
Coimbra

Cantares do Povo

DO MESMO AUTOR:

Canções populares da Beira (com musica) — Figueira — 1896. 1 Vol. (exgotado).

Elementos para a historia do concelho da Figueira — Figueira 1899. 1 Vol. (Não entrou no comercio).

A Figueira e a invasão francesa — Figueira — 1910. 1 Vol. (Não entrou no comercio).

O Conde Gorani em Portugal — Figueira. (Não entrou no comercio).

Velhas canções e romances populares portuguêses (com musica) — Coimbra 1913. 1 Vol.

A PUBLICAR:

Estudos archeologicos e ethnograficos — 1 Vol.

Cartas ineditas de homens notaveis portuguêses — Coligidas e anotadas. 1 Vol.

PEDRO FERNANDES THOMÁS

CANTARES DO POVO

(POESIA E MUSICA)

(PREFACIADO POR ANTONIO ARROYO)

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1919

Entrego á publicidade a terceira coleção de Canções populares que num largo decurso de tempo tenho recolhido directamente da boca do povo, em differentes regiões do paiz.

Nesta como nas coleções anteriores (*Canções populares da Beira* — 1896, *Velhas Canções e romances populares portuguêses* — 1913) nada alterei, nem na parte musical nem na litteraria ao que ouvi, e fielmente transcrevi: só ás vezes quando se me depararam variantes da mesma canção escolhi a que me pareceu mais perfeita e com mais acentuado cunho popular.

As canções — *O lenço* (pag. 92) *Marianita* (pag. 93) e a *Raposa* (pag. 100) foram-me comunicadas pelo Sr. Dr. Francisco Menano, insigne orfeonista, a quem a difusão do canto coral no paiz deve assignalados serviços.

Figueira da Foz — Abril 1919.

DUAS PALAVRAS

Em 1896 publicava o sr. Pedro Fernandes Tomás na Figueira da Foz o seu primeiro trabalho sobre a musica do nosso povo, intitulado CANÇÕES POPULARES DA BEIRA, as quaes, em numero de cincoenta e duas, vinham precedidas duma erudita introdução do sr. dr. Leite de Vasconcelos. Passados anos, em 1913, novo volume contendo sessenta e uma canções, sob o titulo de VELHAS CANÇÕES E ROMANCES POPULARES PORTUGUEZES, editado pela livraria França Amado, de Coimbra, sendo eu que agora substituia o douto introdutor da primeira colecção, antepondo ao trabalho do meu velho amigo um pequeno estudo sobre o modo de fazer a colheita das nossas canções. E hoje dá-nos ele, ainda na casa França Amado, uma terceira colecção de cincoenta canções, a que poz o gracioso nome de CANTARES DO POVO e, acerca das quais, exige que seja ainda eu que as prefacíe.

A isso venho, no cumprimento gratissimo dum dever de amistosa admiração pelo coleccionador de mais de cento e sessenta canções

que, tranquilamente e sem o menor alarde, tem enriquecido a nossa literatura folklorica com tão valioso subsidio, por ventura o maior que até ao presente, e no seu genero, nos foi prestado por um homem só. E não deixarei de associar-lhe neste preito o nome do seu editor coimbrão, que merece os encomios de nós todos pela coragem com que se atira á nossa enciclopedica indiferença.

No seu novo trabalho, Fernandes Tomás segue a distribuição e classificação adoptadas no anterior — em *Romances, Canções religiosas, Danças de roda e Cantigas das ruas;* e as vantagens e consequencias dum tal agrupamento são as mesmas da precedente colecção, o que me inibe de mais uma vez me referir a elas. Varios desses temas populares não são ineditos; mas a meu ver ha sempre conveniencia em os conhecer nas variantes apresentadas, porque alguem virá mais tarde a aproveitá-las para determinar as leis da evolução da nossa Canção e das modificações porque vai passando no tempo e no espaço. Alem de que sempre aparecem casos imprevistos de alterações ritmicas, de modulações ineditas, de terminações inesperadas e do mais rico interesse constructivo; e assim a pouco e pouco se tornarão devida e scientificamente conhecidas as caracteristicas diferenciais da musica popular portugueza.

Julgo pois que muito bem anda Fernandes Tomás em não limitar o seu trabalho aos

casos desconhecidos, e pelo contrario aproveitando toda a colheita que amorosamente foi fazendo, dia a dia, nas suas viagens de anos, através de uma grande extensão do nosso paiz. Bem haja por isso e por ter publicado um novo volume desta natureza no actual momento, embora todos quantos nos interessamos pelo assunto estejamos, desde principios de 1912, á espera da obra do sr. Ricardo Santos, em que este senhor nos prometeu reunir 1036 motivos populares portuguezes e lançar uma luz completa sobre os varios problemas da nossa etnografia musical, deitando por terra os idolos que deles se tinham indevidamente ocupado até então. Tudo isso vem relatado no meu estudosinho de 1913, onde ouso formular o desejo de ser o nosso conservatorio que auxilie o citado publicista, se de facto já o é, no referido intento, desejo que até agora não foi atendido, talvez até por causa da guerra.

Fernandes Tomás revelou pois mais uma vez a sua ingenua coragem, fornecendo ao terrivel iconoclasta novo tema de destruição; e este é o facto mais valioso que, nos ultimos anos, se pode apontar neste especialissimo rincão do nosso campo productor.

Mantendo-me porem no espirito que imprimi á minha introducção de 1913, não posso deixar de registar aqui um outro facto que se prende com escritos meus anteriores e que, quanto a mim, esclarece de uma forma, pelo menos

muito aceitavel, a questão do *Fado* e da sua origem; facto ocorrido no intervalo de tempo a que me venho referindo, e que se me afigura ter passado despercebido para quasi todos nós. Porque, a tal respeito e como quasi sempre sucede, continuamos sonhando e devaneando amavelmente, imaginando cousas do arco da velha e deliciando-nos com as soluções que, mercê de muito talento esparso, vamos inventando na mais continua e absoluta irresponsabilidade. Mal empregado! Mas, para completamente expor o caso careço de retroceder algum tempo para trás.

Ha anos, numa conferencia que fiz em Coimbra sobre o tema de *O canto coral e a sua funcção social* (1), permiti-me aconselhar aos rapazes do Orfeon de então que não cantassem o *Fado*; e disse-lho, já porque atribuo a essa cantilena uma influência moral deprimente, já porque sempre a considerei, aliás em muito boa companhia, devo observar, como uma canção de proveniencia obscena. E quando publiquei esse trabalho, juntei-lhe em apendice umas considerações sobre o que alguem pensava ácerca do *Fado*, das suas origens e da epoca em que apareceu; considerações em que afirmava:

Afigura-se-me que o Fado procede do estado dos espiritos resultante das lutas que vão desde a guerra civil até á terminação da Patuleia, portanto de 1830 a

(1) Livraria França Amado, Coimbra 1909.

1847. Até aí, a canção popular e a modinha dos salões tinham um caracter absolutamente diferente. O estilo do *Fado*, a maneira como ele é e deve ser executado, confirmam o meu modo de vêr. Nada ha, em tal materia, que possa ser-lhe comparado como expressão do mais anarquico e inferior melodrama, do mais exagerado mau gosto romantico. Etc.

Mas já em 1902, o sr. Michel'Angelo Lambertini, no seu valioso estudo *Chansons et Instruments, renseigments pour l'étude du Folk-lore portugais,* disséra que o *Fado* é a mais moderna cantilena que se canta em Portugal, que deve ter aparecido em Lisboa por volta de 1850, irradiando de aí para todos os pontos do paiz e especialmente para Coimbra, onde é cultivado pelos estudantes. E acrescenta:

Malgré sa légère saveur érudite le *fado* a eu de bien modestes origines; il est né dans les ruelles les plus tortueuses et infectes de la capitale portugaise, et a eu comme parrains des gens de la plus basse extraction.

Mélancolique dans la modalité et dans l'insistance opiniâtre de deux seuls accords, la tonique et la dominante, il prend pourtant des inflexions canailles quand il passe par les gosiers avinés de ces trouvères de carrefour, avec acompagnement souvent de danses obscènes.

Relativamente ao aparecimento da *guitarra,* já neste trabalho o sr. Lambertini afirmava que ele não podia remontar para alêm da metade do século XVIII, citando a data de 1796 como sendo a da publicação do primeiro metodo que trata desse instrumento; e notava a grande

semilhança existente entre a guitarra e o cistro feito na Inglaterra, embora não sendo completa a sua identidade. Mais tarde, em *A arte musical,* o distinto escritor inclina-se a vêr nessa semilhança a origem do nosso instrumento e apoia-se para isso em investigações a que procedeu no celebre museu de *South Kensington,* de Londres; opinião esta que eu citei na conferencia a que atrás me refiro.

Para termo desta exposição devo transcrever ainda o que o sr. Lambertini publicou acerca da *guitarra,* a pag. 22 do seu interessantissimo trabalho — *Primeiro nucleo de um Museu instrumental em Lisboa,* 1914 —. Referindo-se a um *cistro* « talvez do sec. XVII » existente nesse museu, acrescenta:

A confrontação d'este instrumento com os seguintes não pode senão abonar a hypothese, varias vezes por mim formulada, de que a *guitarra portugueza* não pode provir dos paizes mossulmanos, sendo simplesmente uma transformação do cistro inglez, copiosamente importado para o nosso paiz no seculo XVIII, e que por sua vez é descendente do *citolão* medieval. Na organographia arabe, aliás riquissima, não ha vestigios de tal instrumento nem de nenhum que lhe seja semelhante. Por outro lado o cistro europêu, que tambem se chama *guitarra ingleza, guitarra allemã,* possue todas as caracteristicas do nosso instrumento nacional: semelhança na dimensão e forma da caixa sonora, o mesmo numero de cordas muitas vezes e até em alguns casos identica afinação. O nosso Silva Leite, mestre de guitarra em fins do seculo XVIII, aconselhava o uso das guitarras *inglezas* como sendo as melhores que então se fabricavam e Vidigal, famoso tocador da mesma epoca, anun-

ciava concertos de guitarra *ingleza*, referindo-se á que hoje classificamos de *portugueza* e que n'esse tempo estava longe de adquirir a voga que depois teve.

Estava a nossa questão neste pé quando, no n.º 25 da *Atlantida*, de 15 de Novembro de 1917, publicava o sr. Humberto de Avelar um longo artigo sobre *A musica em Portugal*, no qual, depois de se referir ás peças nacionais representadas em fins do século XVIII, nos teatros do Salitre e da Rua dos Condes, ornamentadas de musica italiana, cujas *árias* de maior agrado caíam no dominio popular, transformando-se mais tarde nas nossas *modinhas* de salão, acrescenta:

...nessas peças tambem se intercalavam *lunduns*, dança africana que lhes servia de intermedia; o *lundum* foi a pouco e pouco tendo existencia autónoma como canção, que acabou por se tornar a predilecta das meretrizes e das pessoas que constituíam as mais baixas camadas sociais, que lhe deram o nome de *fado*.

Nada mais erróneo, portanto, do que considerar o *fado* uma canção nacional, devendo mesmo os portugueses repelir esta infelizmente tão espalhada opinião, que artistica e até moralmente os deprime.

A transformação do *lundum* em *fado* só se completou nos meados do seculo XIX, não aparecendo a palavra *fado*, no sentido musical, em qnaisquer documentos nem dicionários anteriores a essa epoca. Nem sequer a diuturnidade pode, portanto, alegar-se a favor da nacionalização da deliquescente e imoral melodia.

Pena é que as dimensões restrictas impostas ao seu artigo não lhe permitissem documentar esse seu modo de vêr; esperamos contudo que

realisará essa documentação num futuro trabalho (1). No emtanto a interessante opinião, que tem todos os visos da mais completa plausibilidade, servirá porventura de pista a outros investigadores que venham confirmar o que o sr. Humberto de Avelar nos diz.

Não me querendo alongar demasiadamente, julgo contudo ter exposto, embora em resumo, o estado em que se acha neste momento a questão da *Canção portuguesa*, a que o presente trabalho do sr. Fernandes Tomás vem dar um singular realce; e para complemento do que digo, reporto-me ao meu estudo anexo ao volume do mesmo autor, datado de 1913 e atrás citado.

Lisboa, Abril de 1919.

ANTONIO ARROYO.

(1) O sr. H. de Avelar está hoje residindo em Macau e exerce ali funções de professor do Liceu.

CANTARES DO POVO

ROMANCES

O Duque d'Alba

É espalhado um boato
Na cidade de Sevilha
Que se casa o duque de Alba
Com dama de grande linha.

Todas as damas o sabem
Só D. Anna não sabia:
Mal o ouviu sua mana
Logo assim lh'o dizia:

Saberás ó Dona Anna
Saberás ó mana minha
Que se casa o duque de Alba
Com dama de grande linha.

Dona Anna com fingimento
Logo ali lhe respondia:
— Que se case ou que não case
A mim que se me daria? —

Foi Dona Anna para casa
Perdida toda a alegria;
Mandou fechar suas portas,
Coisa que nunca fazia.

Os suspiros eram tantos
Que toda a casa tremia;
O seu pranto era tamanho
Que pela mesa corria.

Foi-se pôr a uma janella
Que para a praça se abria:
Viu estar o duque d'Alba
Com outros de companhia.

Acenou-lhe com um cravo
Deixou logo a companhia:
— Que quereis ó Dona Anna
Que quereis, ó vida minha? —

— Quero que vós me digaes
Se é verdade ou se é mentira
Dizerem que ides casar
Com dama de gran valia? —

— Não é mentira, Dona Anna
É verdade, vida minha.
Amanhã são minhas bodas
Eu convidar-vos queria! —

Ao ouvir estas palavras
Aos pés morta lhe caía;
Mandou-lhe abrir o peito
P'ra ver do mal que morria.

Achou três gotas de sangue
Que a mais pequena dizia:
— Pois devéras, amor, casas,
E a mim me deixas perdida?

Mandou encastoá-la em oiro
Ao seu peito a trazia
Mas passados sete annos
Sua sogra lhe dizia:

— Deixai agora o dó
Deixai-o por vossa vida!
— Como hei-de deixar o dó
Por quem tanto me queria?

— É verdade, duque d'Alba,
Mais lhe q'reis que a minha filha?
— Por certo mais não lhe quero
Mas sim tanto lhe queria!

Este romance foi publicado no livro — *Poems by Edward Quillinam — London 1835* — pag. 200 — 207 — acompanhado da traducçao em inglês — No *Romanceeiro Português* do Dr. Leite de Vasconcellos (Bibliotheca do Povo e das Escolas) vem tambem uma pequena variante delle, e o que aqui publicamos, e pouco differe da versão inserta no livro de Quillinam, foi por nós recolhido na Beira Alta.

Com a mesma musica cantam-se outros romances populares.

D. Gaifeiros

Preso foi o Conde, preso
Preso vem e algemado
Não por furtos que fizesse
Nem por gente que ha matado:
Por deshonrar a romeira
Que vinha de Sant'Iago.
Accometeu-a no monte
Bem longe do povoado,
Sem mais tardança a romeira,
A Elrei se ha queixado.

— Pois que case já com ella
Ou então é degolado. —

— Nem hei-de casar com ella
Nem hei-de ser degolado;
Vão chamar os meus criados
Tragam já os meus cavallos
Vão procurar D. Gaifeiros
O meu sobrinho estimado. —

Palavras não eram ditas
D. Gaifeiros que chegava.

— Que fizestes vós meu tio
Que assim vindes algemado?

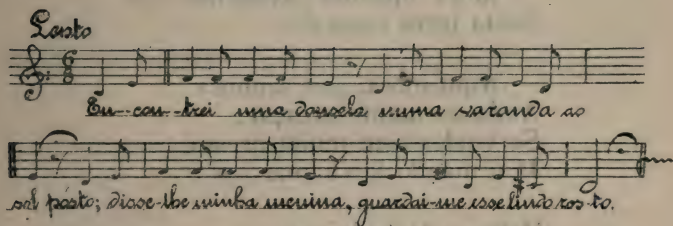
— Intendi c'uma romeira
Que vinha de Sant'Iago;
A romeira offendida
A elrei se ha queixado;
Mandou que case com ella,
Ou que seja degolado:
Vai tu fallar com elrei
A ver se sou perdoado. —

Foi logo ter a palacio:
— Deus vos salve, senhor rei
Deus vos traga bem guardado
Mandai soltar o meu tio
Que está preso e encarcerado,
Só por zombar c'o a romeira
Que vinha de Sant'Iago.

— Vai-te embora, D. Gaifeiros
Podes ir bem descançado
Antes do nascer do sol
Teu tio será soltado. —

Lá pela noite adeante
Accorda sobresaltado;
Tinha sonhado que via
O seu tio degolado.

Salta depressa da cama
Veste-se, monta a cavallo,
Corre ao Terreiro do Paço
Vê seu tio degolado.

— Deus te perdoe, meu tio
Deus te tenha a bom recado
Mas elrei que tal mandou
Nunca será perdoado.

Sete fidalgos da corte
Vinham ver o degolado:
A um mata, outro apunhála
Só um não pode apanhá-lo
Porque ao ver tanta matança
Foge a unha de cavallo.

— D. Gaifeiros, D. Gaifeiros
Não venhas tam assomado
Já me matastes seis condes
Os melhores do meu reinado;
O crime do vosso tio
Tinha de ser castigado. —

— Fisestes, rei, má justiça,
Matastes com tyrannia
Um guerreiro afamado
Pela sua valentia;
Mas tudo has-de pagar
Antes que passe anno e dia. —

A noiva enganada

Encontrei uma donsella
N'uma varanda, ao sol pôsto
Disse-lhe: Minha Menina
Guardai-me esse lindo rosto;
Vou cumprir ordens delrei
Em vindo caso comvosco
Esperai até que eu volte;
E muito não esp'rareis,
Mas se a tardança fôr grande
Menina, casar-vos-heis. —

Já de ha muito que esperava
Seu pai que assim lhe dizia:
— Filha eu quero-te casar
Que o teu tempo é venido —
— Pode ficar descançado
Que já encontrei marido. —

Saiu á noite de casa
Começou a caminhar,
Correu por montes e valles
Entrou em muito lugar.
Já levava a boca sêca
De por elle perguntar:
Os seus olhos duas fontes
Continuamente a chorar.

— Mora aqui um cavalleiro
Desta terra natural?

— Aqui mora, sim senhora
Anda no monte a caçar,
Se vindes com muita pressa
Já o mando lá chamar. —

Deixai-o lá onde está
Que eu o saberei esp'rar.
Á noite quando voltou
Não queria acreditar.

— Que fazeis aqui, Senhora,
A quem vindes procurar?

— Não podia esp'rar mais tempo
Com saudades de matar!

— Tenho os meus filhos pequenos
Preciso de os criar;
Tenho mulher linda e moça
Que Deus m'a deixe gosar!

Ao ouvir isto a donzella
Logo a vida ali findou.
Muito triste o cavalleiro
Á esposa perguntou:

— Que hei-de fazer á donzella
Que morreu por tanto amar?

— Vá chamar os seus creados
E mande-a deitar ao mar!

— Tal não farei eu, Senhora,
A quem morreu innocente;
Vou mandá-la enterrar
No adro de S. Vicente.

Manhã de S. João

Na manhã de S. João
Logo ao romper d'alvorada,
Passeava Jesus Christo
Ao redor da fonte clara;
E ao afastar-se da fonte
Estas palavras soltava:

— Esta agua fica benta
E a fonte fica sagrada. —

Ouvio-o a filha do rei
No palacio onde estava
Logo pegou a vestir-se
Muito bem ataviada:
Levava meias de sêda
Sapatos d'oiro levava,
Foi buscar a cantarinha
Que era de prata lavrada.

Quando ia direita á fonte
Nossa Senhora encontrava,
Logo ali lhe perguntou
Se havia de ser casada?

Disse a Senhora que sim
E seria afortunada:
Que havia de ter três filhos
Todos de capa e espada,

Um chegaria a ser bispo
Outro cardial seria;
E o mais novo delles todos
Servo da Virgem Maria.

Corre logo ao seu palacio
Cheia de muita alegria
Trata de dizer a elrei
O que então lhe acontecia.

Ditosa foi a donzella
Que viu a Virgem Maria!

CANÇÕES RELIGIOSAS

Natal

(Beira Baixa)

Alegrem-se os ceus e a terra
Cantemos com alegria
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Entrae, entrae ó pastores
Por esse portal sagrado:
Vinde adorar o menino
Numas palhinhas deitado.

Ó meu menino Jesus
Ó meu lindo amor perfeito,
Se vós tendes frio, vinde
Abrigar-vos no meu peito.

Ó meu menino Jesus
Comvosco é que eu estou bem,
Nada deste mundo quero,
Nada me parece bem.

A noite é escura, cerrada,
Brilham já astros no ceu:
Vinde adorar, ó pastores,
O Redemptor que nasceu.

Colhei florinhas no campo
Trazei-lhe prendas d'amor
Vinde cantar o Bemvindo
Ao divino Redemptor.

Florinhas num peito fino
Ó meu Jesus, não as ha
Dizei-me, bem adorado
Que prenda vos agradará.

Só tenho p'ra offrecer-vos
Uma alma que vos quer bem;
É a melhor prenda que tenho
Não quero amar mais ninguem.

Canto do Natal

(Ribatejo)

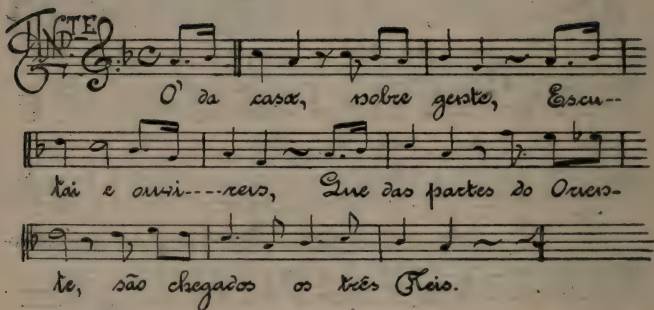
Em Belem o Salvador
Agora mesmo nasceu:
É nosso Rei e Senhor
Que do alto Ceu nasceu.

O menino está com frio
O frio o faz tremer:
Menino Deus da minh'alma
Quem vos pudéra valer.

Na cidade de Belem
Meia noite estava a dar,
Quando nasceu o menino
Antes do galo cantar.

Esta noite á meia noite
Um anjo do ceu baixou:
A visitar o menino
Que Deus á terra mandou.

Pastora perdida

Confusa, perdida
Sem alma, sem vida
Remedio aos meus males
Onde o acharia?

Sósinha nos bosques
Se um anjo me guia,
Em tantos enleios
Alivio teria.

Faz parte dos *Autos Pastoris* que ainda hoje se representam pelo Natal, principalmente nas povoações do litoral.

Os Reis

(*Extremadura*)

Ó da casa, nobre gente
Escutai e ouvireis,
Que das partes do Oriente
São chegados os três Reis.

Sabei que é nascido um Deus
Soberano Omnipotente,
O desejado Messias
Esp'rado por toda a gente.

As riquezas deste mundo
Desprezai-as sem receio:
Vêde como este Menino
A dar-vos exemplo veio.

Na lapinha de Belem
É nascido o Deus Menino,
Numa tam humilde choça
Encarnou Verbo divino.

Só teve por companheiros
Pastores e camponêses
Que lhe deram de presente
Cordeiros e mansas rêzes.

Na lapinha de Belem
'Stá o menino deitado
Rodeado dos pastores
Pelos tres Reis adorado.

Ó Virgem Nossa Senhora
Vinde acudir ao Menino
Que está a tremêr com frio
E a chorar, que é pequenino.

Alegrem-se os corações
Cantemos com alegria
Que nasceu o Redemptor
Filho da Virgem Maria.

S. João

(Beira Baixa)

S. João pediu á Virgem
Que o não adormecesse
Que queria ver o seu dia
E o sol quando nascesse.

S. João adormeceu
Aos três dias acordou:
Acorda, João, acorda
Que o teu dia já passou.

S. João subiu ao ceu
Com S. Pedro se encontrou:
Pedro festeja o teu dia
Que o meu já se festejou.

Quando S. João se viu
No deserto sem chapeu,
Ergueu os olhos e disse:
Acudi-me pai do ceu!

Oh meu S. João Batista
Quem vos deu o borreguinho?
Encontrei-o no deserto
Quando vinha de caminho.

S. João não tem capella
Nem flores para a fazer:
Vamos ao Jardim de Christo
Que algumas lá ha-de haver.

S. João não tem capella
Venha cá que eu lh'a darei:
Tenho cravos, tenho rosas
As mais flores buscarei.

A vinte e quatro de Junho
Nasceu uma linda flor:
Nasceu S. João Batista
Primo de Nosso Senhor.

No altar de S. João
Nasceu uma cerejeira,
Ditosa da criatura
Que lhe comer a primeira.

Oh S. João mudadôr
Que até as aguas mudais:
Não me mudeis o amor
Que são penas que me dais.

Para o S. João que vem
Hei-de mudar desta rua:
Ainda não tenho casa,
Menina, arrende-me a sua.

S. João perdeu a capa
No caminho do estudo:
Vamos correndo depressa
Comprar-lhe uma de veludo.

S. João casai as moças,
As que vos fazem fogueiras:
Aquellas que as não fizerem
Deixai-as ficar solteiras.

Festejemos o Batista
Que a noite vai acabando:
Sabe Deus quem chegará
Deste Batista a um anno.

Cantêmos o S. João
Cantêmo-lo outra vez
Que a moda do S. João
A todo o tempo tem vez.

S. João

(*Alemtejo*)

S. João, meu rico Santo
Santo do meu coração,
Attendei ás minhas preces,
Que faço com devoção.

S. João foi companheiro
De Jesus crucificado:
Tambem nós vamos pedir-lhe
Que seja nosso advogado.

Os pastores banham o gado
Na noite de S. João,
Não lhe pega o mau olhado
Se é doente fica são.

Que vão fazer as cachopas
Á capella do Santinho?
Vão fazer uma fogueira
De alecrim e rosmaninho.

Quem quizer tomar amores
Coma a raiz do almeirão,
Colhida por uma donzella
Na noite de S. João.

O S. João da Figueira
Mandou-me agora chamar,
Que tinha o seu manto roto
Que lh'o fosse remendar.

Na noite de S. João
Fui tomar banho ao mar
Peguei-me com S. João
Para o mar não me levar.

O S. João da Figueira
É um grande marinheiro,
Embarcou para o mar largo
Numa folha de salgueiro.

No altar de S. João
Está um lindo pucarinho
Para dar agua aos romeiros
Que vem secos do caminho.

Dançai moças esta noite
Se do vosso gosto é:
Cheiram bem todas as ervas
Em que vós pondes o pé.

Menino Jesus da Lapa

Menino Jesus da Lapa
Da Lapa do coração:
Dai-me da vossa merenda,
Que a minha mãe não tem pão.

Senhora da Lapa vai-se
Minha mãe, eu vou com ella:
Que se vai a luz do mundo
A alegria desta terra.

Virgem Senhora da Lapa
Costureirinha do ceu:
Dai-me vós o vosso risco
P'ra vos fazer um mantéu.

Menino Jesus da Lapa
Na mão tem um pucarinho:
Para dar agua aos romeiros
Que vem secos do caminho.

(Recolhida em Gouvêa).

Senhora do Livramento

Senhora do Livramento
Livrai o meu namorado
Livrai-o, Senhora minha:
Ó meu Jesus
Ó meu Jesus
Dessa vida de soldado. *(bis)*

(Esta musica muito espalhada em todo o paiz, parece ser originaria de Agueda).

Ave Maria

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres, e bemdito é o fructo do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós peccadores, agora e na hora da nossa morte. Amen.

(Muito conhecida em todo o paiz).

Salvé Rainha

Salvé Rainha, Mãe de Misericordia, vida, doçura esperança nossa, salvé. A vós bradamos os degredados filhos de Eva, a vós suspi-

ramos, gemendo e chorando neste valle de lagrimas. Eia pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro nos mostrai a Jesus, bemdito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria; rogae por nós, Santa Mãe de Deus para que sejamos dignos das promessas de Christo. Amen.

(Recolhida na Beira Baixa).

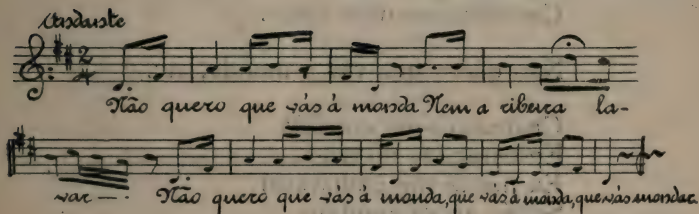
Bemdito

(Recolhido na Figueira da Foz).

Bemdito

(Recolhido na Extremadura).

Bemdito

(Recolhido na Lousan).

DANÇAS DE RODA
E CANTIGAS DAS RUAS

A monda

Minha mãe é póbresinha
Não tem nada que me dar,
Dá-me beijos, coitadinha,
E depois põe-se a chorar.

Não quero que vás á monda
Nem á ribeira lavar;
Não quero que vás á monda,
    Que vás á monda,
    Que vás mondar.

Vai-te embora, dia de hoje
Que tam saudosa me deixas
Deixa vir o de ámanhã
Que lhe hei-de fazer as queixas.

Não quero que vás á monda, etc.

Quando eu nasci, chorava
Com pêna de ter nascido,
Mais me valêra por certo
Em seguida ter morrido.

Não quero que vás á monda, etc.

Vós dizeis que o preto é feio
Mas não ha mais linda côr,
É com o preto que escrevo
Cartinhas ao meu amor.

Não quero que vás á monda, etc.

Chamástes-me corrióla
Embaraçada no trigo,
Eu nunca me embaracei
Senão agora comtigo.

Não quero que vás á monda, etc.

Dos meus olhos nasce um rio
Que ao teu coração vai dar:
Ás aguas do mar salgado
Todo o rio vai parar.

Não quero que vás á monda, etc.

Está o ceu enevoádo
Já começou a chover,
São lagrimas dos olhos meus
Que chóram por te não ver.

Não quero que vás á monda, etc.

Antes eu nunca te visse
Nem te tomasse amizade,
Para agora me deixares
No rigor d'uma saudade.

Não quero que vás á monda, etc.

O soffrimento me mata
Não posso viver assim,
Quiz a sorte que eu amasse
A quem não gosta de mim.

Não quero que vás á monda,
Nem á ribeira lavar;
Não quero que vás á monda,
Que vás á monda,
Que vás mondar!

(Recolhido na Beira Alta).

Meia volta ao par

(Coreographica)

Ó praia branca de neve
Ó mar da variedade:
Inda hoje não fallei
C'o meu amor á vontade.

Meia volta ao par,
Se a sabes dar:
A ti, meu amor
Não te hei-de eu deixar.

Quando comecei a amar
Tinha só quatorze annos:
Era nova, não sabia
Deste mundo os desenganos.

Meia volta ao par, etc.

Retire-se lá p'ró largo
Quando não retiro-me eu;
Não me quero encontrar
C'um amôr que já foi meu.

Meia volta ao par, etc.

Ó estrelinha do Norte
Eu não sei por onde vou:
Dá-me alguma claridade
Que o luar já se acabou.

Meia volta ao par, etc.

Subi á amendoeira
Quem me ha-de agora descer?
Fui por ti abandonada
Quem me ha-de agora querer?

Meia volta ao par, etc.

Todas as aguas do monte
Por fim vem parar ao mar;
Os afectos e os carinhos
Vêem por fim a acabar.

Meia volta ao par, etc.

Oliveira afasta a rama
Que eu quero passar alem;
Trago o meu peito a arder
Não quero queimar ninguem.

Meia volta ao par, etc.

A salsa para ser salsa
Deve estar no meio da horta;
O amor para ser firme
Deve estar ao pé da porta.

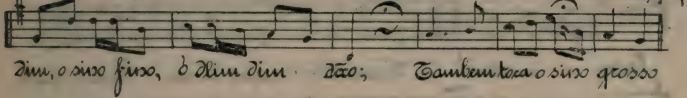
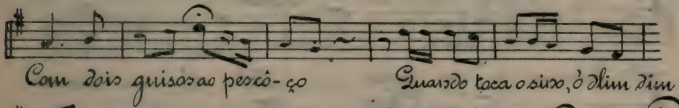
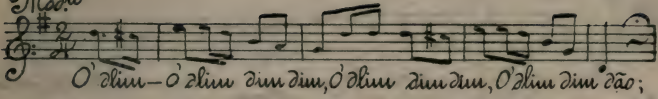
Meia volta ao par, etc.

Tenho dentro do meu peito
Um relogio a trabalhar,
Dá horas com todo o geito
Mesmo sem corda lhe dar.

Meia volta ao par, etc.

A roseira com a rosa
Toda se humilha no chão:
Quando a roseira se humilha
Que fará meu coração?

Meia volta ao par,
Se a sabes dar:
A ti, meu amor
Não te hei-de deixar.

Os sinos

Ó dlim, ó dlim, dim dim;
Ó dlim dim dim,
Ó dlim dim dão:
    Com dois guisos ao pescôço.
    Quando toca o sino,
    Ó dlim dim dão,
O sino fino,
    Ó dlim dim dim:
Tambem toca o sino grôsso
    Ó dlão dão dão!

(Recolhido na Beira Alta).

Ratinho

(*Coreographica*)

Faça-se n'um ratinho,
E venha á minha salla:
Muito sorrateirinho
Para ver se me falla.

Ai! ai! que eu morro
Estou a morrer...
  Nos teus braços, linda
  Bem pudera ser!

(Recolhido em Coimbra).

Anda a roda

(Coreographica)

Anda a roda, desanda a roda
Torna a roda a desandar;
Hei-de escolher nesta roda
O par que mais me agradar.

Já te não quero a ti,
Nem a ti, nem a ninguem;
Não quero senão a ti
Só a ti meu lindo bem.

A Ciranda quer que eu vá,
Com ella ao seu jardim;
Vou-me deitar a dormir,
Debaixo do alecrim.

Adeus areal do rio
Adeus pedra de lavar:
Foi lá que te namorei
Para o meu tempo passar.

A folha da malva-rosa
Tenho eu para o jantar:
Nesta terra não passeia
Quem a mim me ha-de lograr.

Ai Jesus que eu já não posso
Com tantas penas amar-te;
São tantos a pretender-te,
Que eu resolvo-me a deixar-te.

A lua no ceu vai alta
Leva letreiro no meio:
E estylo de quem ama
Dar de noite o seu passeio.

A murtinheira secou,
Mas tornou a renovar:
O amor que me deixou
Já me tornou a fallar.

Aqui venho de tão longe
Em risco de me perder,
Correndo montes e vales
Menina, para te ver.

Chamás-te-me lima azeda,
Eu não sou arrenegada;
Fallo e rio com todos,
Sou franca e desenganada.

Já hoje subi ao ceu,
Já hoje fallei com Deus;
Já trago sentença dada,
De os teus olhos serem meus.

Eu prendi o sol á lua
As campainhas ao sino,
O meu coração ao teu
Com cadeias de oiro fino.

(Recolhida em Pinhel).

Loureiro

O loureiro bate, bate,
    Meu bem,
Que eu bem o sinto bater;
Dá c'oa rama no telhado,
    Meu bem,
Para o amor perceber.

Ó olhos de amóra preta
Contrarios ao meu viver:
Bem sei que levas em gosto
De me veres padecer.

O loureiro bate, bate etc.

Os passarinhos no ar,
C'oas azas tecem os ninhos;
Nós tecemos ternos laços
Com abraços e beijinhos.

O loureiro bate, bate etc.

Ando triste como a noite
Nada me alegra o sentido:
Ninguem sabe o bem que perde
Senão depois de perdido.

O loureiro bate, bate etc.

Meu coração é relojo,
Minh'alma dá badaladas;
O dia que te não vejo,
Trago as horas bem contadas.

O loureiro bate, bate etc.

Pelo ceu vai uma nuvem
Que leva as armas do rei:
Tira de mim o sentido
Que eu de ti já o tirei.

O loureiro bate, bate etc.

Quando te vejo ao longe
Faço que não te conheço:
Vejo-te tam augmentado,
Penso que não te mereço.

O loureiro bate, bate etc.

O salgueiro á borda d'agua
Deixa passar os peixinhos:
A vida dos namorados
São abraços e beijinhos.

O loureiro bate, bate etc.

Semeei no meu quintal
Raminhos de bem querêr:
Semeei esses teus olhos,
Não me quizeram nascer.

O loureiro bate, bate,
Meu bem,
Que eu bem o sinto bater;
Dá c'oa rama no telhado,
Meu bem
Para o amor perceber.

(Recolhida no Alemtejo — Niza).

Que é da noiva?

(Coreographica)

Que é da noiva, que é da noiva, que é da noiva,
Que é da noiva, está lá dentro
Está a vestir o vestido
P'ró dia do casamento!

Não te quero, não te quero, não te quero,
Não te quero a ti, não
Só te quero a ti, só te quero a ti
Amor do meu coração.

(Á proporção que se vai cantando, vão-se enumerando as peças de vestuario com que a noiva se está ataviando: o veu, a saia, as botas, etc. etc.).

(Recolhida na Figueira da Foz).

Olaré quem brinca

(Coreographica)

Não me lembra pai nem mãe
Nem o leite que mamei:
Lembram-me uns olhos pretos
Que em rapaz eu namorei.

> Olaré quem brinca
> Olaré quem tem:
> Olaré, quem brinca, brinca
> Olaré quem brinca bem!

Olhos azues, são ciume,
Os meus olhos azues são;
Tenho ciume nos olhos
Firmeza no coração.

> Olaré quem brinca, etc.

Já tive, agora não tenho
Já mer'ci, já não mereço:
Já meu valor se acabou
Já desci a baixo preço.

Olaré quem brinca, etc.

Adeus, pedrinhas do rio
Pedrinhas que eu ajuntei:
Outro virá que vos logre
Já que eu vos não logrei.

Olaré quem brinca, etc.

Se os passarinhos vendessem
As penas que Deus lhes deu,
Eu tambem vendia as minhas
Que ninguem tem mais do que eu.

Olaré quem brinca, etc.

Eu hei-de amar o pinheiro
Em quanto pinhas não tem:
Aproveita-te, menina,
Em quanto te quero bem.

Olaré quem brinca, etc.

Todas as aves em Maio
Buscam o seu aposento:
Eu sem os buscar achei
Amores ao meu contento.

Olaré quem brinca, etc.

Inda hoje não comi
Coisa que o Senhor creasse:
Mas já vi o meu amor,
Fiquei melhor que jantasse.

Olaré quem brinca, etc.

Dizes que não pode ser,
Silva verde dar um cravo:
Aqui me tendes, menina,
Na mesma silva criado.

Olaré quem brinca, etc.

Pusestes-te mal commigo
Sem motivo e sem rasão:
Pois procura a tua vida
Que amores não me faltarão.

Olaré quem brinca
Olaré quem tem
Olaré, quem brinca, brinca
Olaré, quem brinca bem.

(Muito espalhada em todo o paiz).

Verde Gaio

(Coreographica)

As penas do Verde Gaio
São verdes e amarellas
Não me toques, senão caio,
Não me tenho nas chinelas.

Ó Verde Gaio, Verde Gaio dá cá,
Ó Verde Gaio, dá cá, toma lá.

A cobra pelo penedo
Corre que desapparece:
Quem dá confiança a homens,
Grande castigo merece.

Ó Verde Gaio, Verde Gaio dá cá,
Ó Verde Gaio, dá cá toma lá.

Eu hei-de mandar fazer,
Uma chave ao serralheiro,
P'ra fechar o meu amor
Na gaveta do dinheiro.

Ó Verde Gaio, etc.

Eu não posso, amor, não posso
Não posso ainda que queira,
Tirar o botão á rosa,
Sem bulir com a roseira.

Ó Verde Gaio, etc.

Não sei porque me quizestes
Nem que de mim te agradou:
Eu riqueza não a tenho,
E bonita não o sou.

Ó Verde Gaio, etc.

Ó minha bella menina
Este mundo é um engano:
Tu cortas na minha vida
Como a tesoura no panno.

Ó Verde Gaio, etc.

Olhos que me querem mal,
Queimados os veja eu:
Por dentro brazas de lume,
Por fóra chapas de breu.

Ó Verde Gaio, etc.

(Recolhida na Beira Alta).

Patusco

(Coreographica)

Eu subi ao alto freixo,
Contar as folhas que tem:
Podes estar descançado
Não te deixo por ninguem.

Ai lari ló lé,
Bem te vi andar,
Nas pedras do rio,
A ensaboar.

Eu tenho ouvido dizer:
— Palavras leva-as o vento;
As minhas para comtigo
Trago eu no pensamento.

Ai lari ló lé
Meu amor troquemos,
Os teus olhos grandes
Pelos meus pequenos.

Meu amor anda zangado
Não sei que lhe hei-de fazer:
Hei-de pisar a assucena
E dar-lhe o sumo a beber.

Quando eu não tinha
Desejava ter,
Amores comtigo
Sem ninguem saber.

Quem quizer que a agua corra
Dá um golpe na levada:
Quem quizer o amor firme,
Cale-se, não diga nada.

O' meu bem, meu bem
Não te vás embora,
Que eu não posso estar
Sem ti uma hora.

Mandaste-me o desengano
Na folha do acypreste;
De te amar tantos annos
Foi a paga que me destes.

Ai lari ló lé,
É um regalinho,
Fallar ao amor,
Quando está sósinho.

O sol prometteu á lua,
As estrellas ao luar,
O meu coração ao teu,
Para nunca se apartar.

Ai amor, amor
Que eu digo, eu digo,
Que Deus me não mate
Sem viver comtigo.

O' meu amor não me deixes,
Que eu inda não te deixei:
A folha no ar se vira
Eu inda me não virei.

Agora é que encontro
O meu bem amado
Á sua procura
É que eu tenho andado.

O' meu amor de tam longe,
Perde um dia, vem-me ver,
Que as cartas são escusadas,
Para mim, que não sei ler.

O' meu lindo amor,
Eu quero-te bem,
Bem o sabes tu,
Melhor que ninguem.

(Recolhido em Coimbra).

Senhora da Encarnação

De Buarcos á Figueira,
 Lindo bem
Senhora da Encarnação *(bis)*;
 Vá devagarinho,
Vá e não vá só,
 Vá devagarinho,
Que levanta o pó.

Lá vem o meu amorsinho
 Lindo bem
Naquella embarcação *(bis)*;
 Vá devagarinho etc.

Nas ondas d'aquelle mar,
Lindo bem
Cheirava que rescendia *(bis)*;
Vá devagarinho, etc.
Era o manto da Senhora
Lindo bem
Que um marinheiro trazia *(bis)*,
Vá devagarinho, etc.

Lá no mar canta a Sereia,
Lindo bem
Senhora da Encarnação *(bis)*;
Vá devagarinho, etc.
Livrai della o meu amor,
Lindo bem,
Dai-lhe a vossa proteção *(bis)*;
Vá devagarinho, etc.

Mandei lagear o mar,
Lindo bem
Com pedras de cantaria *(bis)*;
Vá devagarinho, etc.
Para o meu amor passar
Lindo bem
Quando vier da Bahia *(bis)*
Vá devagarinho, etc.

Todos que embarcam no mar,
Lindo bem
Ao caes da Figueira vão: *(bis)*
Vá devagarinho, etc.
Só o meu amor não vem
Lindo bem
Alegrar meu coração *(bis)*.
Vá devagarinho, etc.

Meu amor se fores p'ró mar,
Lindo bem
Não me leves no cuidado *(bis);*
Vá devagarinho, etc.
Deita-te á prôa do barco,
Lindo bem
Dorme um sono descançado *(bis).*
Vá devagarinho, etc.

Em Tavarede me deram,
Lindo bem
Um cravo p'ró meu colete *(bis)*
Vá devagarinho, etc.
Na Figueira uma rosa,
Lindo bem
Em Lavos um ramalhete *(bis).*
Vá devagarinho
Vá, e não vá só,
Vá devagarinho
Que levanta o pó.

(Recolhida na Figueira da Foz).

Balancé

(Coreographica)

Semear e não colher,
É que atraza o lavrador:
Tambem eu ando atrazado,
Por não fallar ao amor.

Ó balancé, balancé,
Balancé da neve pura!
Ó minha Salve Rainha,
Ó minha vida e doçura.

A trança do meu cabello
Hei-de mandá-la vender:
P'ra livrar o meu amor,
Soldado não ha-de ser!

Ó balancé, balancé, etc.

A rua onde tu moras,
De comprida não tem fim;
Querem que eu perca o amor
Á quem não o perdeu a mim.

Ó balancé, balancé, etc.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me leva o vento:
Não ha já quem por mim chore
Neste triste apartamento.

Ó balancé, balancé, etc.

Os cravos do meu craveiro
Chegam acima do muro:
Sustenta a tua palavra,
Que o meu amor 'stá seguro.

Ó balancé, balancé, etc.

Eu sou filha duma rosa,
E neta duma roseira;
Para ficar mal casada,
Mais me vale ser solteira.

Ó balancé, balancé, etc.

Aqui estou á tua beira,
Vê lá se inda me conheces:
Sou aquelle amante firme,
Que tu ha muito tivestes.

Ó balancé, balancé, etc.

Chorai olhos, chorai olhos,
Já que p'ra chorar nascestes:
Chorai a pouca ventura,
Já que mais não merecestes.

Ó balancé, balancé, etc.

Quem me dera que viesse
Um ventinho corredôr,
Para me trazer depressa
Noticias do meu amor.

Ó balancé, balancé, etc.

Cubiçastes os meus olhos,
Os meus olhos não se dão:
A quem eu der os meus olhos,
Darei o meu coração.

O' balancé, balancé,
Balancé da neve pura!
O' minha Salve Rainha,
O' minha Vida e doçura!

(Muito espalhada em todo o paiz).

Cavaco do Rio

(Coreographica)

Já fui cavaco do rio,
Veio uma cheia, e levou-me;
Á porta do meu amor,
Fez um remanso, e deixou-me.
    Aqui mais abaixo
    Aqui mais alem,
    Fugiu o meu par
    Vou ver se elle vem.
    Já cá 'stá, já cá 'stá
    Já cá 'stá meu bem.

Ai! o rapaz do boné,
Olha para mim, e ri-se:
Eu dava dez reis ás almas,
Se elle agora aqui caisse.
Aqui mais abaixo, etc.

O meu amor engeitou-me
Por eu ter a saia rôta:
O' meu amor não me engeites,
Que eu em casa tenho outra.
Aqui mais abaixo, etc.

Duas coisas ha no mundo,
Que o meu coração não quer:
São piolhos de galinha,
E ciumes de mulher.
Aqui mais abaixo, etc.

Se eu olhava para ti,
Era p'ró tempo passar:
Não era por outra coisa,
Disso me posso gabar.
Aqui mais abaixo, etc.

Tenho cinco reis d'amôr,
Dez reis de saber amar:
Quinze reis de querer bem,
Um vintem de não faltar.
Aqui mais abaixo, etc.

Tu pensas que por ti morro,
Olha o engano do mundo!
O meu coração navega,
Noutro ribeiro mais fundo.
Aqui mais abaixo, etc.

Você diz que eu sou sua,
Em que papel me assignei?
O mundo dá muita volta,
Sabe Deus de quem serei!
Aqui mais abaixo
Aqui mais alem,
Fugiu o meu par
Vou ver se elle vem.
Já cá 'stá, já cá 'stá
Já cá 'stá meu bem!

(Muito espalhada em todo o paiz).

Entrai pela Hespanha dentro

(Coreographica)

O alecrim lá no campo,
Quando reverdece chora:
Sempre ha-de haver quem se metta,
Na vida de quem namora.

Entrei pela Hespanha dentro
Fazer guerra aos Castelhanos:
C'um regimento de velhas,
Todas de quatorze annos.

Se o bem querer fosse crime,
Já estava na Relação;
O' amor, tu eras um,
Que não tinhas livração.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Tendes um cravo na boca
Um jasmim em cada dente:
Tambem tendes um geitinho
De namorar de repente.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Toda esta noite andei
No meu barquinho á vela,
Para ver se dava fundo
Ao pé da tua janella.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Dizes que não ha no mundo
Olhos pretos como os teus:
Mette a mão na consciencia,
E olha p'ra estes meus.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Assucena c'o pé n'agua
Está cheia de frescura:
Coitadinho de quem vive
Neste mundo sem ventura.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

O meu amor me pediu
Meu coração emprestado:
Se m'o pedisse outra vez,
Até lh'o teria dado.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Duas coisas ha no mundo
Que me voltam o sentido:
É amar sem ser amado,
Fallar sem ser entendido.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Entre o louro e a salsa verde
Está a agua a correr:
O amor que eu pertendo
Inda está para nascer.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

No alto daquella serra
Nasce o sol e sopra o vento;
Muito tolo é quem cuida
Que comigo passa o tempo.

Entrei pela Hespanha dentro, etc.

Puzeste-te mal comigo
Sem motivo e sem razão;
Pois procura a tua vida
Que amores não me faltarão.

Entrei pela Hespanha dentro,
Fazer guerra aos Castelhanos:
C'um regimento de velhas
Todas de quatorze annos.

(Recolhida no Minho).

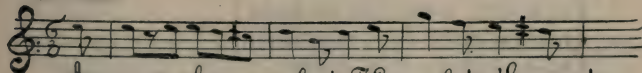
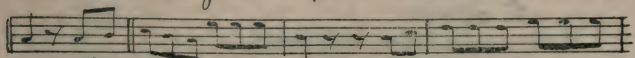
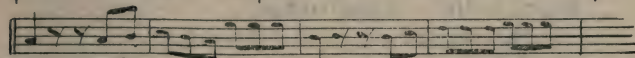
Senhor da Serra

O Senhor da Serra é meu
Que o paguei ao serão:
O' meu divino Senhor
Tende de mim compaixão.

Vira, vira
Do norte p'ró sul,
Quando vira ao Norte
Fica o céu azul.

Vira, vira,
E torna a virar:
Que eu nunca posso,
Deixar de te amar.

(Recolhida no Ribatejo).

Cantiga

Ao som da banza sebenta
Vae no bote, olaré, cantando;
Quem tem juizo vai preso,
Quem é vário vai 'scapando.

Ó seu homem do capote,
    Onde vai?
Sou da terra, vou p'ró mar
    Vou pescar.
Que é do peixe que pescou
    Á borda mar?
Vou na quarta, que na quinta
    Faz luar.

Ao descer da escada,
Apagou-se a candeia:
O diabo da negra
Cada vez 'stá mais feia.

Olá! da parte da ronda
Faça alto, ninguem se bula:
Que eu quer ver miudamente
Quem é toda essa matula.

Homem velho de cab'leira
    É doutor:
Mulher velha sem cabello,
    É estupôr:
Arma velha sem bayoneta,
    Caçador:
Barco velho c'umas rodas,
    E' vapor!

Ao sair da travessa,
Ao virar da esquina,
O diabo da negra
Cada vez 'stá mais fina.

As freiras de Santa Clara
Todas tem o seu cãosinho:
Só a senhora abadessa
Tem um gato (1) sem focinho.

Oh seu homem do capote
    Onde vai?
Sou da terra, vou p'ró mar
    Vou pescar.
Que é do peixe que pescou
    Ábord'amor?
Vou na quarta, que na quinta
    Faz calor.

---

(1) Nome popular da corcunda.

Desci a Couraça,
Passei á Estrella:
O diabo da negra
Não quero nem vê-la!

(Recolhida em Coimbra onde era vulgar em meados do seculo passado)

Morena travêssa

Morena travêssa
D'onde é que vieste?
Sem dó no meu peito,
Que golpe me déste.
Quando eu te julgava,
Divina, celeste
Assim teu escravo
Cruel, me fizéste.

Morena travêssa
Morena formosa
Esbelta, fagueira,

Querida, saudosa;
O' vem, não me fujas,
Vem terna, amorosa,
Esta minha vida
Tornar venturosa!

(Recolhida no Minho).

Senhor Cadête

O' senhor Cadête,
Não coma pão quente,
Que é comida forte,
 Do qui-ri-qui-qui,
Faz ranger o dente,
 Do curu-cu-cu
 Maria Tangueira,
 Do qui-ri-qui-qui,
 O gallo cantou.

O gallo cantou,
Deixá-lo cantar:
Minha rica prima,
Do qui-ri-qui-qui,
 Vamos passear.

O' senhor Cadête,
Da gola amarella:
Não namore a moça,
    Do qui-ri-qui-qui,
Que ella é donzella,
    Do curu-cu-cu,
    Maria Tangueira,
    Do qui-ri qui-qui,
    O gallo cantou.

O gallo cantou,
Deixá-lo cantar:
Minha rica prima,
Do qui-ri-qui-qui,
    Vamos passear.

O' senhor Cadête,
Da gola encarnada:
Não namore a moça,
    Do qui-ri-qui-qui,
Que ella é casada:
    Do curu-cu-cu,
    Maria Tangueira,
    Do qui-ri-qui-qui,
    O gallo cantou.

O gallo cantou,
Deixá-lo cantar:
Minha rica prima,
Do qui-ri-qui-qui,
    Vamos passear.

O' senhor Cadête,
Que vem de Coimbra:
Não namore a moça,
    Do qui-ri-qui-qui,

Que ella é tam linda:
Do curu-cu-cu,
Maria Tangueira,
Do qui-ri-qui-qui,
O gallo cantou.

O gallo cantou,
Deixá-lo cantar:
Minha rica prima,
Do qui-ri-qui-qui,
Vamos passear!

(Recolhida em Leiria).

Senhor Alexandre

(Coreographica)

Onde vai Senhor Alexandre,
Onde vai que eu tambem vou?
Dá-me os teus braços, ó Rita,
Alexandre, eu dou eu dou.

Alexandre, eu dou eu dou,
No meio da calçadinha;
Dá-me os teus braços, ó Rita,
Minha rosa encarnadinha.

Adeus barra da Figueira,
Tam larga como comprida:
Tam alegre és na entrada
E tam triste na saida!

Onde vai, Senhor Alexandre etc.

Adeus villa de Buarcos,
Adeus moinhos de vento;
Já vos passei pela prôa,
Já vos deixo a barlavento.

Onde vai, Senhor Alexandre etc.

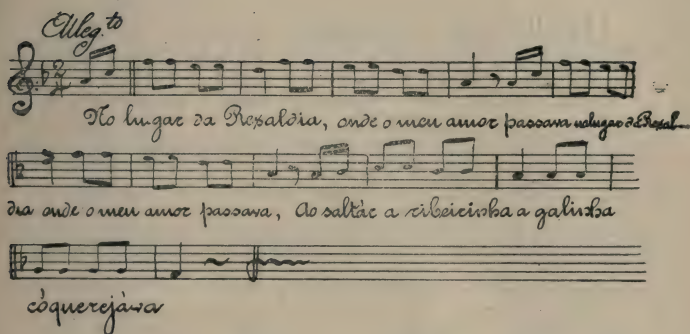
A espuma no mar largo
Brilha como o diamante:
Não procures, que não achas
Amor mais firme e constante.

Onde vai, Senhor Alexandre, etc.

Eu já vi a pura neve
Lá no campo de Valverde;
Quem tem amor não o perde,
Quem o perde nunca o deve.

Onde vai, Senhor Alexandre etc.

Chamáste-me tramagueira
Planta de tam máu sabor:
Quem com ella me compara,
Não me tem nenhum amôr.

Onde vai, Senhor Alexandre etc.

Escrevi teu lindo nome
Na branca areia do mar:
Sobre o teu nome vieram
As ondas a batalhar.

Onde vai, Senhor Alexandre, etc.

Logar da Rexaldia

(Cantiga ribatejana)

No logar da Rexaldia
Onde o meu amor passava;
Ao saltá-la ribeirinha
A galinha cóquerejáva.

A galinha cóquerejáva,
A galinha cóquerejou;
No logar da Rexaldia,
Onde o meu amôr passou.

Olha a nossa cosinheira
Deixou esturrá-lo jantar:
Sentadinha na janella
'Stá farta de namorar.

Já lá levas las cabaças
Nas abas do casacão;
Quem namora 'stá sugeito
A que lhe digam que não.

No logar da Rexaldia, etc.

(Recolhida em Torres Novas).

Malhão

(*Coreographica*)

Ó Malhão, triste Malhão
Ó Malhão, triste coitado:
Por causa de ti Malhão
'Stá Portugal desgraçado.

Não sou chita que desbote,
Nem lavada perca a côr:
Não sou pedra que rebole,
Sou fiel ao meu amor.

Já vi cravos sêcos n'agua,
Tornar a reverdecêr:
Já vi amores arrufados,
Tornarem a bem querêr.

Eu tenho um botão de rosa
No meu cesto de costura:
Os laços que nos prenderam
Só tem fim na sepultura.

As saudades te persigam,
Que te não possas valer:
De tam alto caias tu,
Que aos meus braços venhas ter.

Choro lagrimas sem conto
Mais de noite que de dia,
A cuidar que me foi falso,
Quem tam firme se fazia.

Já não tenho coração,
Já m'o tiraram do peito:
Onde eu tinha o coração,
Nasceu-me um amor perfeito.

Que é do lenço que te dei,
Quero fazê-lo ás tirinhas;
Já lá tens outros amores,
Não precisas coisas minhas.

Oliveira da ramada
Atravessada no rio;
Eu p'ra ir á minha terra,
Não preciso de navio.

Ó peixe das aguas claras
Ó agua do mar salgada:
Deus me dê antes a morte,
Se eu hei-de ser mal casada.

Dizem que o preto é luto,
Gala lhe chamarei eu:
Que de preto anda vestido
Um amor que Deus me deu.

Quando digo que sou tua,
Dises, amor, que eu te minto:
As pênas que por ti sôfro
Deus as sabe, e eu as sinto.

Pobre nasci, pobre sou,
Fortuna, não me conhece:
Mas emfim, é sorte minha
Quem mais faz menos merece.

Assubi á amoreira,
Puz o pé na verde fôlha;
Se tens muito quem te queira,
Tenho muito aonde escôlha.

Saudades nunca matáram,
Quem nunca as teve assim diz;
Não digas que me deixastes,
Fui eu a que não te quiz.

A rua onde tu moras,
De comprida não tem fim:
Querem que eu perca o amor,
A quem não m'o perde a mim.

Minha mãe é pobresinha,
Não tem nada que me dar:
Dá-me beijos, coitadinha,
E depois põe-se a chorar.

Recolhida na Beira Alta (Louzan).

O Lenço

Meu amor me deu um lenço,
Pelas suas mãos bordado:
Numa ponta leva a lua,
Noutra leva o sol pintado:
No meio tem um letreiro
Do nosso bom tempo passado.

(Recolhida no Alemtejo — Serpa).

Marianita

Pergunta a quem saiba amar,
Ai sim, ai não,
Qual é mais para sentir:
Vá de léque léque
Sim:
Vá de léque léque
Não:
Marianita ai sim, ai não!

Se amar e viver ausente
Ai sim, ai não:
Se vêr e não possuir.
Vá de léque léque
Sim
Vai de léque léque
Não
Marianita ai sim, ai não!

(Recolhida no Alemtejo — Serpa).

Flôr da Murta

Flôr da murta
Raminho de freixo,
Deixar de amar-te
É que eu não deixo.
Amar-te sim,
Mas deixar-te não,
  Ó flor da murta!
Amôr do meu coração.

Eu hei-de amar a meu gôsto,
Corra o p'rigo que correr:
Uma vida só que tenho,
  O flôr da murta!
Por ti a quero perder.

Flôr da murta
Raminho de freixo, etc.

Já no ceu não ha estrellas
Senão três ao pé da lua:
Nesta terra não se encontra,
    Ó flôr da murta!
Cara linda como a tua.

Flôr da murta, etc.

Não sei quem possa cheirar
Manjaricão orvalhado:
Não sei quem possa trazer
    Ó flôr da murta!
O seu amor enganado.

Flôr da murta, etc.

Tendes dois olhos em casa,
Que parecem dois ladrões:
Abertos, são duas rosas,
    Ó flôr da murta!
Fechados são dois botões.

Flôr da murta, etc.

Tenho feito um juramento,
Promettimentos a Deus:
De não amar outros olhos
    Ó flôr da murta!
Meu amor, senão os teus!

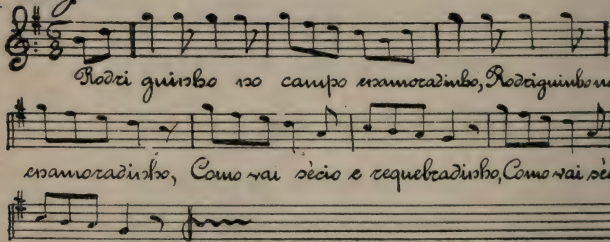
Flôr da murta, etc.

Tendes garganta de neve,
Onde o sol vai escrever:
Ó quem fora estudante,
    Ó flôr da murta!
Para nella aprender.

Flôr da murta, etc.

Vai-te carta venturosa
Ao jardim do meu amor:
Diz-lhe que fico chorando
    Ó flôr da murta!
Por não ser o portador.

Flôr da murta, etc.

Ser feliz, ser venturosa,
Já me não é permittido:
Mas amar-te até morrer,
    Ó flôr da murta!
Dei-te o sim, não me desdigo.

Flôr da murta, etc.

(Muito espalhada em todo o paiz).

Rodriguinho

(Coreographica infantil)

Rodriguinho no campo
Enamoradinho: } *bis*
Como vai sécio
E requebradinho. } *bis*

Ó meu Rodriguinho
Não vás ao quintal: } *bis*
Que está lá um preto
Que te faz mal. } *bis*

Ó meu Rodriguinho
Não vás para o rio: } *bis*
Vem já para casa,
Que faz muito frio. } *bis*

Ó meu Rodriguinho
  P'ra onde vais tu? } *bis*
— Eu vou para o campo
  Sem medo nenhum. } *bis*

Saiu Rodriguinho
  Esta madrugada: } *bis*
Foi todo taful
  Ver a namorada. } *bis*

É já quasi noite
  Sem vir Rodriguinho: } *bis*
Oxalá não tenha
  Errado o caminho. } *bis*

Vem cá Rodriguinho
  Vem cá meu amôr: } *bis*
Tu és desta terra
  A mais linda flôr! } *bis*

(Recolhido em Coimbra).

A Raposa

Lá em baixo vem a raposa,
    Eh lá!
Com seu rabo pelo chão:
    Eh lá!
Vem perguntando aos pastores,
    Eh lá!
Se ha cordeiros ou não.

Vem, vem, cheg'ali Maria
    Meu bem:
Cheg'ali Maria,
    Meu bem.

Recolhida na Serra d'Estrella — (Fornos d'Algodres).

Repim pim

(Coreographica)

Chamaste-me repim pim
Olha amor não se me dá:
Repim pim, ora diga, diga
Repim pim, ora diga lá.

Chamaste-me repim pim
Quando estava no mirante:
Repim pim será você
Seu maroto, seu tunante.

Chamaste-me repim pim
Ao portal do meu lameiro:
Repim pim era você
Se não fosse tão brejeiro.

Eu não sou o repim pim
Não o sou nem quero ser:
Repim pim é meu amor
Quando á noite me vem ver.

Se eu fosse o repim pim
Olha, amor, o que seria:
Repim pim anda na roda
Faz a todos cortezia.

(Recolhida na Beira Baixa).

Folgadinho

(Coreographica)

Ai de mim que eu já não posso
Cantar como já cantei :
Bebi agua desta fonte
E logo a falla mudei.

Vai tudo certo
Folgadinho, certo, certo
Vai tudo certo
Folgadinho, certo não. } *bis*

Inda que eu seja metida
Entre as pedras como o vime,
Não me has-de achar mudada
Antes cada vez mais firme.

Vai tudo certo etc.

Passei pela tua rua
No meio della cahi;
Vi-te chegar á janella
Nada da queda senti.

Vai tudo certo etc.

A laranja com a casca
É uma galantaria;
Bem tolo é quem aceita
Amores de pouca valia.

Vai tudo certo etc.

Altos montes, duras penhas
Olivaes com suas ramas;
Não dês ouvidos ao mundo
Não deixes de amar quem amas.

Vai tudo certo etc.

A madre silva cheirosa
No vallado reverdece:
Eu tenho no coração
Um amor que nunca esquece.

Vai tudo certo etc.

Anda, amor, que eu tambem ando
Corre, amor, que eu tambem corro:
Nos meus braços apertado,
Morre, amor, que eu tambem morro.

Vai tudo certo etc.

Eu só a ti quero bem,
A amar-te me sujeitei;
Não te mereço carinhos
Infeliz sempre serei.

Vai tudo certo etc.

Coração, aonde vais,
Torna atraz que vais errado,
Vais amar tam firmamente
A quem te traz enganado.

Vai tudo certo etc.

Eu fui ao jardim ás flores,
Apanhei quantas havia :
Só lá deixei os suspiros
Que por ti dei algum dia.

Vai tudo certo etc.

(Espalhado em differentes localidades).

Canção do gaiteiro

Ai! ai! ai!
Não nos deram senão feijões,
E esses frios e mal retemperados;
Faltam-lhe adubos
dubos, dubos, dubos, dubos;
dubos, dubos, dubos, dubos,
dubos, dubos, dubos, dubos!

Venha, vinho, venha!
Venha vinho p'rós pobres gaiteiros,
Que os mordomos são libaraes,
E tem de bom
bom, bom, bom, bom;
bom, bom, bom, bom,
bom, bom, bom, bom!

Diga, diga, ai diga ai dó

(Cantiga das ruas)

Ando mal c'o meu amor
Diga, diga, ai diga, ai dó!
Já não tenho alegria;
Ó seléques, tréques, triques
Ó seléques, tréques, tró
ai diga, ai dó!

Já não como, já não bebo
Diga, diga, ai diga, ai dó!
Senão tres vezes ao dia,
Ó seléques, tréques, triques,
Ó seléques, tréques, tró
ai diga, ai dó!

Ando por aqui de noite
Ás quedas mais ás topadas
Queira Deus não diga eu:
Mal empregadas passadas!

Em Coimbra sucedeu
Um passo muito galante:
Uma andorinha fez ninho
Nas barbas dum estudante.

Venho da terra do oiro,
Inda não venho doirado:
Venho da terra das moças,
Inda não venho casado.

Toda a vida fui pastor
Toda a vida tive ovelhas:
D'aquellas que vestem saias
Trazem brincos nas orelhas.

Não posso acender o lume,
Porque perdi o abano:
Quem casa com mulher magra
Tem bacalhau todo o anno.

Menina case comigo
Que eu nunca lhe darei fome:
O meu pai tem uma quinta
Que sustenta quem não come.

Tenho uma camisa nova,
Que me deu o meu padrinho;
Não tem corpo, não tem fralda,
Nem mangas nem colarinho.

Não ha pão como o pão alvo,
Nem carne como o toucinho,
Nem mulher que se compare,
Com um bom copo de vinho.

Agora é que eu vou ter
Um casaco de veludo;
O meu amor é caixeiro
E a gaveta dá p'ra tudo!

Sogra nem de barro á porta,
Nem de vidro na louceira,
Que sogra de boa raça,
Inda ha de vir a primeira.

Ouvi cantar a perdiz
Detraz daquella silveira;
Coitadinha da viuva
Que não acha quem a queira.

Torradas, novas, coradas,
Batatas com bacalhau;
O preto é para a preta,
São peças do mesmo pau!

Apanhar o trevo

(Coreographica)

Se eu soubera quem tu eras,
Quem era o teu coração,
A palavra que eu te dei,
Ou t'a daria ou não.

> Apanhar o trevo,
> O trevo no chão:
> Apanhar o trevo,
> Na manhã de S. João.

Sou cego desde nascença
Ceguei apenas te vi:
Quem ama é cego de amores
Sou cego de amores por ti.

> Apanhar o trevo etc.

Dizem que saudades matam,
Saudades tenho-as eu:
Quem não ha-de ter saudades
D'um amor que já foi seu?

Apanhar o trevo etc.

Amei, amastes — amámos
Sofri, sofrestes — sofremos
Chorei, chorástes — chorámos
Morri, morrestes — morrêmos.

Apanhar o trevo etc.

Ó minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, toda me mato
Não tenho nada de meu.

Apanhar o trevo etc.

Ó coração de três azas,
Dá-me uma, quero voar:
Quero ir ao ceu em vida,
Em vindo torno-t'á dar!

Apanhar o trevo etc.

Casadinha de três dias
Ella ahi vai a chorar:
Coitado de quem as cria
Para assim as entregar.

Apanhar o trevo etc.

Ó meu amor de tam longe
Chega-te cá para perto:
Já me dóe o coração,
De te ver nesse deserto!

Apanhar o trevo etc.

Suspiros gritai, gritai,
Folhinhas fazei rugido:
Pensamentos, alcançai
Onde eu tenho o meu sentido.

Apanhar o trevo etc.

Quem aqui vem de tam longe,
De certo que te quer bem:
Era capaz de te dar,
Tudo o que o seu coração tem!

Apanhar o trevo etc.

(Recolhido em Aveiro).

O rapasinho

(Coreographica)

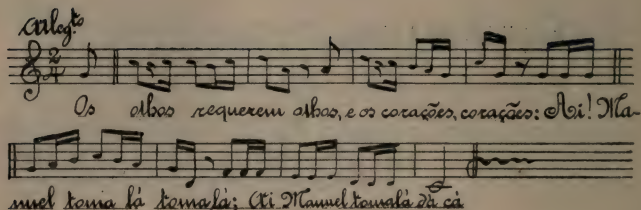
Oh que lindo rapasinho
Toda a noite aqui andou:
Eu q'ria casar com elle
Minha mãe não me deixou;
Minha mãe não me deixou
Meu pai faça o que quizer:
Oh que lindo rapasinho
Para mim que sou mulher!
Para mim que sou mulher,
Para mim que mulher sou,
Oh que lindo rapasinho
Toda a noite aqui andou!
Toda a noite aqui andou
Toda a noite a passear
Oh que lindo rapasinho
Para commigo casar!

(Recolhida em Bragança).

Oh Julia

(Coreographica)

Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
— Que é, que é, que é?
Se quizeres casar commigo,
Has-de pôr aqui o pé.
Has-de pôr aqui o pé,
Has-de pôr aqui a mão:
Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
Amôr do meu coração.

Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
Oh meu amôr verdadeiro
Já perdestes o valor
Já não vale o teu dinheiro.
Já não vale o teu dinheiro
Acabou tua valia
Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
Has-de ser minha um dia.

Has-de ser minha um dia
Has-de ser, se Deus quizer,
Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
Has-de ser minha mulher.
Has-de ser minha mulher,
Has-de ser como eu te digo,
Oh Julia, oh Julia, oh Julia,
Tu has-de casar commigo.

(Recolhida em Leiria).

Manuel

(Coreographica)

Os olhos requerem olhos,
Os corações, corações:
    Ai! Manuel, toma lá, toma lá,
    Ai! Manuel, toma lá, dá cá.
Tambem as boas palavras
Requerem boas ações.

Namorai, namoradores
Fartai-vos de namorar:
    Ai! Manuel, etc.
Que o inferno não se fez
Para os peixinhos do mar.

Ferve, ferve, panelinha
Que senão fervo eu por ti:
    Ai! Manuel, etc.
Que quero tirar as sopas
Que ao meu amor prometi.

Quem tem amores não dorme,
Eu tambem assim fazia:
    Ai! Manuel, etc.
Agora que os não tenho,
Durmo de noite e de dia.

Nem tanto estar á janella
Nem tanto olhar para o chão:
    Ai! Manuel, etc.
Nem tanto tirar o lenço
Da algibeira para a mão.

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar:
    Ai! Manuel, etc.
A direita não t'a peço
Que já tens a quem a dar!

Chamástes ás ondas falsas
Porque levam as areias:
    Ai! Manuel, etc.
Tu dizes que eu que sou falsa
Quando és tu que me falseias.

Dizem que as saudades nascem
Em qualquer terreno ou chão:
    Ai! Manuel, etc.
As saudades nascem fundo
Tem raiz no coração.

A carta que me escrevestes
Abria com pouco geito:
    Ai! Manuel, etc.
Trazia o teu coração,
Caiu-me dentro do peito.

As riquezas deste mundo
Para mim não tem valor:
    Ai! Manuel, etc.
A minha maior riqueza
E' gosar o teu amor.

Ó mar tu és um leão
Que a todos nos quer comer:
    Ai! Manuel, etc.
Não sei como os homens podem
As ondas do mar vencer.

Fui-me confessar ao Porto
Comungar aos capuchinhos:
    Ai! Manuel, etc.
Deram-me por penitencia
Dar abraços e beijinhos.

(Recolhida na Beira Alta).

Não me toques

(*Cantiga*)

O sol anda e desanda,
Corre o mundo em redor:
Eu não ando nem desando,
Sou leal ao meu amor.

Ai não me toques, Nem provoques, Que me fazes Fornicoques.	*bis*

A minha viola nova
Comprei-a por um vintem:
Um vintem não é dinheiro,
E a viola toca bem!

Ai não me toques, etc.

Quem me dera ser Maria,
Para Manuel amar:
Mas como não sou Maria,
Não me hei-de agora matar.

Ai não me toques, etc.

Eu comprei os homens todos
Por cinco reis d'aguardente:
Mandei-os aparelhar.
— Arre burros para a frente.

Ai não me toques, etc.

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum:
Deram-me por penitencia
Que tivesse ao menos um.

Ai não me toques, etc.

O tempo da primavera,
E' um tempo bem garrido:
As mulheres fogem p'rós homens
Toda a vida assim tem sido!

Ai não me toques, etc.

Você a mim não me engana,
A contar-me maravilhas:
Bem sei que já enganou
Sete mães, quatorze filhas.

Ai não me toques, etc.

Por eu olhar para ti,
Cuidas que me tens na mão:
Não ando com tanta fome
Que coma a fruta do chão.

Ai não me toques, etc.

O A — quer dizer amor,
O P — quer dizer pedir,
E o F — faça favor
De nunca mais aqui vir.

Ai não me toques, etc.

A perdiz canta no monte
Sem ter medo de quem vem:
Eu tambem canto sem medo,
Não devo nada a ninguem!

Ai não me toques, etc.

Já lá vai, já se acabou
O tempo em que te eu amava:
Tambem já passou de todo,
A cegueira em que eu andava.

Ai não me toques, etc.

O remate da cantiga
Foi á fonte, logo vem:
Que cantiga sem remate
Já nenhuma graça tem.

Ai não me toques,
Nem provoques,
Que me fazes
Fornicoques.

(Recolhido em Bragança).

INDICE

ROMANCES

CANÇÕES RELIGIOSAS

DANÇAS DE RODA E CANTIGAS DAS RUAS